

O
FILHO
CEGO

Amy Harmon

Tradução de
N.C.A.Gutierrez
em Jun. 2023

PRÓLOGO

EM SAYLOK, O TORNEIO DO REI ACONTECIA TODO ANO quando a colheita já tinha terminado e o frio ainda não havia chegado. Os líderes dos clãs e seus guerreiros se reuniam na Colina do Templo para competir em uma série de disputas feitas para medir força e habilidade, e determinar qual o mais feroz clã. Os vencedores do torneio se tornavam a inspiração das lendas, e por duas semanas os campos do castelo e a montanha do templo viravam uma algazarra. Grandes faixas coloridas ondulavam na brisa: verde, dourado, vermelho, laranja, azul e marrom para os seis clãs, e roxo para os guardiões do templo.

As bandeiras davam as boas-vindas a todo cidadão que fazia a peregrinação anual para participar das festividades, mas a mulher que subia penosamente a colina, seu pequeno filho nos braços, não tinha vindo para assistir ao torneio ou para vender suas mercadorias no bazar. Ela veio por uma benção do Alto Guardião. Ela veio por um milagre.

Durante o torneio, as portas do templo eram abertas e todos eram recebidos em seu interior. Os guardiões eram encarregados de abençoar e aconselhar, rezar e perdoar. Em Saylok, o rei fazia as leis e os líderes dos clãs as aplicavam, mas os guardiões podiam conceder clemência. Àqueles que recebiam uma audiência com os guardiões era concedido uma “nova vida” e absolvição de seus pecados e sentenças. Outros eram curados ou consolados.

A absolvição dada era normalmente espiritual e raramente criminal. A justiça era rápida e severa nos clãs, e poucos condenados realmente duravam o suficiente para pedir proteção ou implorar por uma audiência com os guardiões. Ainda assim, durante o Torneio do Rei, quando o templo estava aberto, havia sempre pelo menos um fugitivo infame à quem era concedido o perdão.

Ela não era uma fugitiva, e não buscava perdão por seus pecados, mesmo sabendo que eram muitos. Nem sequer pediria para ser curada, mesmo sabendo que iria morrer. Sua doença tornou-a desesperada. Valente. E ela escalava com um único propósito em mente, arquejando por ar.

As multidões eram densas e as filas que levavam ao templo eram longas. Ela esperou a tarde toda por sua vez, bebericando de seu cantil de água e tentando entreter o menino. Ele era alegre e brincava aos seus pés, desenhando figuras na areia e comendo pedaços de pão de sua bolsa de couro. Mas a jornada de vários dias se fez sentir, e sua visão vacilou e seu ânimo afundou. Ela não poderia esperar para sempre. Não poderia nem esperar por algumas horas.

Ao anoitecer, os sinos começaram a tocar e os guardas nas amplas portas passaram a mandar as pessoas embora para que pudessem fechar o templo.

— Voltem amanhã. — insistiram, empurrando uma mulher persistente para o lado. Havia várias mães desesperadas na multidão.

Ela levantou a bolsa sobre o ombro e tomou a mão de seu filho, procurando por um pequeno refúgio, um lugar para se abrigar durante a noite. Escadas e colunas cercavam a frente do templo, e cada degrau estava cheio de indigentes como ela. Eles seriam os primeiros da fila quando as portas se abrissem novamente de manhã. Ela cambaleou pelo perímetro, mal sabendo onde pisava, se agarrando à pequena mão aninhada na sua. Uma porta na parede de pedra depois do jardim do templo estava sem vigias, mas quando ela puxou o trinco, viu que estava barrada. Animais eram alojados além das paredes; ela podia ouvi-los. Sentir seus cheiros. Ela precisava apenas de um pouco de palha, um

pequeno abrigo, e um poço onde pudesse abastecer seus odres. Balançou a porta, na esperança de que alguém ouvisse, mas ninguém veio.

Afundou contra a porta, tentando recuperar as forças. O sol havia descido para trás do templo, e as pedras eram frias contra sua bochecha. Ela puxou seu filho para o colo e fechou os olhos. Esperaria até que alguém passasse e imploraria para que a deixassem se deitar entre os animais. Já havia feito isso antes. Várias vezes.

Ela deve ter dormido, mas não deve ter sido por muito tempo.

Uma mão tocou sua cabeça. Pensou ser apenas seu filho e o tranquilizou, fatigada.

— Só estou cansada, Baldr. Apenas descansando. Fique perto de mim.

— Precisa de ajuda, senhora? — a voz era gentil e grave, e ela se sobressaltou, examinando o homem que se inclinava sobre ela.

Seu cabelo havia sido raspado rente ao crânio e suas vestes eram do roxo escuro que distinguiam os guardiões dos homens dos clãs. Mas era o bebê que ele carregava contra o peito que a convenceu de que estava apenas sonhando.

A faixa que segurava o bebê era tingida do mesmo roxo escuro da túnica, de forma que quase parecia que a cabecinha da criança flutuava sobre o coração do guardião.

Ela jamais havia visto tal coisa. Um homem carregando uma criança dessa forma já era estranho o suficiente. Homens não cuidavam de crianças. Mas um *guardião* com uma criança estava além da compreensão.

Ela fechou os olhos e os abriu de novo, mas o guardião permaneceu ali, sua mão estendida, o bebê adormecido descansando em seu bolso púrpura.

— Eu vim para ver o Alto Guardião. — balbuciou, esfregando os olhos — E não posso esperar até amanhã.

— Não sou o Mestre Ivo. Sou apenas Guardião Dagmar, mas farei o que puder.

Ele pegou seu braço para ajudá-la a pôr-se de pé. Baldr sentiu seus esforços para se erguer e levantou-se também, tateando a perna dela, procurando por sua mão.

— Este é seu filho? — perguntou o Guardião Dagmar.

A criança era robusta e bonita, com cabelos escuros e ondulados e membros rechonchudos, mas seus olhos eram lagos idênticos de um verde vazio, anuviados e frios, e as pessoas frequentemente o olhavam horrorizadas e distanciavam-se depressa.

— Sim. Ele não consegue enxergar. — explicou ela — Alguns dizem que ele é marcado. Seus olhos assustam as pessoas. Mas ele não é mau, Guardião. Ele é doce, e é inteligente. Sua mente não é lenta.

— Como você o chama?

— Baldr.

— Baldr, o adorado. Filho de Odin. — disse o Guardião Dagmar.

— Baldr, o adorado. Baldr, o corajoso. Baldr, o bondoso. Baldr, o sábio. Ele é todas essas coisas. — disse ela com orgulho.

O guardião contemplou o menino sem medo e afagou sua cabeça. Sua gentileza fez os olhos dela brilharem; também lhe deu esperança.

— Eu sou de Berne, Guardião. E eu preciso de uma audiência com o Alto Guardião. — pediu.

— Você está doente? — perguntou ele.

— Sim. — ela sabia que seus olhos estavam cintilantes e suas bochechas vermelhas de febre, e mesmo que ela tentasse suprimir, uma tosse intensa ruiu e escapou de seu peito. — Sim. Eu tenho estado doente há algum tempo, e não estou melhorando. Preciso de uma benção. Mas não para mim. Para o meu filho.

≈

Mestre Ivo, o Alto Guardião de Saylok, estava irritado.

As portas do templo são abertas à todo cidadão de Saylok durante o Torneio do Rei, mas as portas haviam se fechado e o dia, acabado, e ele era um homem velho que precisava de seu descanso.

Ainda assim esta mulher e seu filho tinham encontrado o caminho até o santuário, onde a ninguém além de guardiões e reis, e os líderes dos clãs de vez em quando, era permitida a entrada. Alguém deve tê-la deixado entrar.

— Deve sair imediatamente. — sibilou Ivo.

— Eu só preciso de um momento, Mestre. — disse ela, inabalada, e continuou em sua direção.

Seu assento era mais trono do que cadeira, com espinhos que irradiavam do encosto alto como raios de sol ou as hastes de uma roda. Não parecia confortável, ele sabia, assim o agradava muito que de fato o era. Ficava sobre tablado perto do altar, e era onde ele melhor pensava... e dormia.

A mulher parou a meros três metros de distância, ao lado do altar, e juntou as mãos como uma mendicante.

— Gostaria de pedir uma benção sua, Alto Guardiã... e então sairei.

Ela tinha a coragem dos desesperados, e isso estava claro por seu olhar febril e seus lábios suplicantes. Ainda que a poeira da longa viagem e os trapos da penúria cobriam sua forma franzina, a criança que andava ao seu lado era saudável e relativamente limpa.

Mas havia algo de errado com os olhos do menino.

A missão da mulher tornou-se subitamente clara, e Ivo amaldiçoou quem quer que tenha tido compaixão por ela. O Alto Guardiã não era o único que podia conceder um passe ou perdão. Todo guardião passava os dias durante o torneio curando e invocando as runas. Contudo esta mulher havia sido trazida até *ele*, deixada em *seu* santuário sem apresentações, para que *ele* tivesse que dizer a ela que algumas faltas não podiam ser corrigidas com uma runa. *Covardes*. Puniria todos eles.

— Ele já enxergou alguma vez? — perguntou Ivo, impaciente, gesticulando para o garoto.

— Não, Mestre. Seus olhos eram assim quando ele nasceu.

— Ele não estava doente?

— Não.

— Então não posso curá-lo. Não posso restaurar o que nunca houve.

Os ombros da mulher caíram, e ele pensou por um momento que ela desabaria.

Ele amaldiçoou as Nornas que se deleitavam em atormentá-lo.

— Darei aos dois uma bênção de força. E então vocês partirão. — cedeu.

Desenhou de má vontade uma runa no ar, murmurando uma bênção para a medula e o sangue e os tendões. Não podia lhe ser esperado mais dadas as circunstâncias. O pequeno soltou a mão de sua mãe e inclinou a cabeça escura. Então repetiu a bênção, palavra por palavra, sua voz alta e doce. A irritação de Ivo desintegrou-se na poeira do chão do santuário, mas a mulher não estava consolada. Lágrimas haviam começado a marcar suas bochechas.

— Temo que força não seja o suficiente, Mestre. — sussurrou a mulher.

— Por que não? — resmungou. Ela não precisava saber que ele havia mudado de idéia.

— Ele é um bom menino, Mestre. Mas sua cegueira é um fardo que ninguém carregará. E eu não posso cuidar mais dele.

— Onde está o pai dele? E o seu clã?

— Eu sou de Berne, meu pai está morto, e eu conheci muitos homens, Mestre. — não havia remorso em sua voz, e tinha poucas dúvidas de que ela dizia a verdade, mas também escondia alguma coisa. A maioria das mulheres escondia quando falava de tais assuntos. Especialmente para um guardião ancião, a quem elas assumiam que não entenderia.

— Leve-o ao Senhor Banruud. É responsabilidade do líder do clã prover para as crianças, todas as crianças, de seu clã.

Ela ficou quieta, resistente, e por um momento pendeu a cabeça, derrotada.

Ele suspirou, jogando as mãos no ar.

— Não posso curar os olhos dele... mas posso curar *você* para que possa cuidar dele. — ofereceu Ivo.

Aliviada, a mulher assentiu, e ele lhe indicou que se aproximasse. As mãos dela tremiam de fadiga e sua pele queimava de febre. Teria que

desenhar runas para afastar enfermidades em cada canto do templo, mas era sempre assim durante o torneio.

Com seu próprio sangue, ele desenhou três runas na testa dela: uma runa de respiração, uma runa de força, e uma runa para expulsar a doença de seu peito. O destino decidiria se aceitaria ou não seu pedido, a vida e a morte não eram suas para serem controladas, mas já os olhos dela estavam se clareando e os ruídos em suas exalações haviam cessado.

Ele esperou, deixando as runas afundarem sob sua pele antes de limpar o resíduo. Não deixaria marcas para os outros verem.

— Vá agora. E leve o menino.

Ela recuou, curvando-se em gratidão enquanto o fazia, mas a runa dele havia curado mais do que seu corpo. Havia restaurado a sua esperança, e ela fez outro pedido.

— Há boatos de uma criança, um bebê, vivendo entre os guardiões. Vivendo no templo. É isso o que eu quero para o meu filho. — disse apressadamente.

— Boatos, é? — bufou ele.

Boatos até Berne? Ele duvidava. Mas agora sabia qual guardião havia permitido a entrada da mulher no santuário. O Guardião Dagmar era um constante incômodo ao seu lado. Uma pedra no sapato. Uma verdadeira dor de cabeça. E havia sido desde o momento em que Dagmar veio para o monte, um garoto magrelo e insistente, ameaçando jogar-se dos penhascos de Shinway se o Alto Guardião não lhe permitisse tornar-se um suplicante no templo.

A pior parte era que, de alguma forma, Dagmar sempre conseguia o que queria. Meses atrás, ele havia trazido um bebê recém-nascido, o filho de sua falecida irmã, Bayr, para o enclave, e Ivo cedeu mais uma vez. Mesmo que isso nunca tivesse sido feito. Mesmo que nunca *devesse* ser feito. Agora esta mulher estava aqui, pedindo o mesmo. Ivo havia alertado a Dagmar exatamente sobre isso. No momento em que era feita uma exceção, a regra deixava de existir.

— Não pode treiná-lo para ser um guardião? — implorou ela — Ele é tão inteligente.

— Um guardião. — o pequeno repetiu.

Ele estava abaixo do altar, os braços estendidos tão altos quanto podia levantá-los, para que as pontas de seus dedos pudessem traçar os entalhes na madeira. As runas estavam todas emaranhadas, cada figura indistinguível das outras, a não ser para o olho treinado. Era o modo como eram protegidas, mesmo no santuário. Mesmo na parte inferior do altar.

— Runas. — o menininho disse, maravilhado.

Ivo sobressaltou-se.

— Ele reconhece as runas.

— Ele não sabe nada de runas. — a mulher defendeu-se, balançando a cabeça. — Eu não sei nada de runas. Eu juro, Alto Guardião.

As runas eram proibidas a todos exceto aos guardiões. O medo dela era justificado, mas Ivo não a repreendeu. Ele observou a criança, ao invés disso. O menino estava fascinado pela textura dos entalhes sob suas mãos. Depois de um momento, o pequenino agachou-se, e na poeira do chão desenhou uma runa: dois meio-círculos, de costas um para o outro, um que abria para a esquerda e outro que abria para a direita. Uma flecha cortava o primeiro crescente, e sua ponta atravessava o segundo pelas costas. A runa era uma réplica perfeita da que estava diretamente acima da cabeça do menino, se não lhe falhava a memória.

Ivo franziu o cenho e então deixou cair o queixo, estupefato.

— Está desenhando a runa de Hod.

As sobrancelhas da mulher se uniram em confusão.

— Está desenhando a runa de Hod, o filho cego de Odin. — sussurrou Ivo.

— Ele não sabe nada, Mestre. É o que ele faz. Ele toca e... desenha. É como ele aprende. — sua mãe protestou e apressou-se para apagar a figura.

— Deixe-a! — sibilou Ivo.

A mulher e a criança congelaram.

O Alto Guardião não acreditava em acaso. Um menino cego, um menino com não mais do que quatro verões de vida, havia desenhado a runa de um deus cego.

— Traga ele a mim. — Ivo disse, dobrando os dedos na direção do garoto.

A mulher hesitou, subitamente receosa, mas instigou o menino a avançar até que ambos estivessem em frente à enorme cadeira do Alto Guardião. O pequeno estendeu as mãos, incerto, e as pousou nos joelhos de Ivo, quase como se entendesse o que viesse a seguir.

Ivo surpreendeu-se novamente. Ninguém tocava nele. Nunca. A mulher pareceu entender isso.

— Baldr. — ela alertou, puxando suas mãos de volta.

— O nome dele é Baldr? — Ivo perguntou, chocado uma vez mais.

— S-sim, Mestre. — a mulher balbuciou — Eu sou de Berne. É um nome c-comum... em Berne.

— Ele não é Baldr... Ele é Hod. — murmurou Ivo.

Mas os dois nomes estavam inseparavelmente unidos, e era apenas mais uma prova para Ivo de um rumo destinado.

— Vire as mãos dele para que eu possa ver suas palmas. — insistiu Ivo.

Ela o fez, segurando os pulsos do menino e estendendo seus pequenos braços para que ele ficasse em postura de súplica, com as palmas para cima.

Ivo inclinou-se sobre as mãos do garoto.

— Runas se escondem nas palmas de nossas mãos, em cada articulação, em cada linha e espiral. — Ivo murmurou, fornecendo explicações à nervosa mãe.

As marcas já estavam lá, gravadas na pele do menino, embora estivessem nele bem mais visíveis, em particular a runa de som e de aroma, do que na maioria. As linhas continuariam a se intensificar conforme o garoto contasse com elas, mas Ivo as tornaria ainda mais profundas. Um presente para a criança que precisaria desesperadamente de seus outros sentidos.

O Alto Guardião, com um arranhão de sua unha afiada, pegou sangue da ponta de seu próprio dedo e chamou pelo sono na fronte do menino. A criança imediatamente começou a cambalear nos braços da mãe. Tornaria o resto mais fácil.

— Ele dormirá agora. E eu vou abençoá-lo. — explicou Ivo.

A criança precisaria permanecer imóvel, e não entenderia as alfinetadas das runas em sua pele.

Ele traçou as pequenas runas na mão direita do menino com a ponta afiada de sua unha, e sangue verteu nas fendas.

Sua mãe arquejou, não entendendo a oferenda e apreensiva ao ver o sangue do filho.

— Ele ouvirá, cheirá e sentirá bem mais do que os outros. — Ivo disse, completando o serviço. Enrolou os dedos ensanguentados do menino sobre sua pequena palma. — Agora leve-o.

A mãe levantou a criança adormecida em seus braços, sua força restaurada.

— Obrigada, Alto Guardião. Obrigada. — sussurrou.

Ela inclinou-se e pendurou sua bolsa sobre o ombro e reposicionou a criança em seus braços antes de voltar-se para as portas do santuário.

O destino gritou na cabeça de Ivo e ele cedeu, levantando as mãos em rendição.

— Senhora?

Ela virou.

— Não pode ficar aqui, na montanha do templo... mas sei de um lugar para onde a criança... pode ir. — disse ele.